

APRESENTAÇÃO

A chamada deste número iniciava-se com as perguntas: “Por que certos textos literários nos fazem rir? Que procedimentos de escrita são mobilizados para que o humor ocorra? Como demonstrar a força crítica do riso nesses textos? A alegria pode ser tema forte da criação poética?”. Os artigos aprovados para publicação buscaram responder a essas questões, propondo análises sobre as relações plurais entre literatura e humor para investigar o que poderíamos designar como uma tradição do riso, do trovadorismo à contemporaneidade. O interesse crítico é atualizar a discussão em torno dos conceitos fundantes da comicidade, interrogando acerca das distinções entre o humor, o riso, o cômico, a ironia, a sátira, a paródia, e quais os mecanismos textuais que sustentam, especialmente no texto poético, essas distinções, mas também em prosa e no teatro.

Responder à complexa interrogação “O que é o humor?” equivaleria apontar quais são as características básicas que permitem a sua manifestação. Objeto de investigação filosófica desde Platão, inúmeras outras disciplinas modernas se debruçaram sobre o assunto, desde a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a História, a Linguística, a Semiótica, a Teoria Literária, até as Ciências Médicas, entre outras. De fato, muitos foram os pensadores e pesquisadores que se investiram dessa árdua tarefa e o resultado mais confiável que se pode traduzir de todos os estudos em questão é que não existe uma definição única e consagrada para o fenômeno humorístico. Isso decorre do fato de estarmos diante de um objeto multifacetado, o qual envolve os mais variados elementos. Partindo da premissa de que todo texto possui um contexto, num plano mais genérico, podemos citar os elementos aparentemente exteriores ao objeto em si: a cultura, a civilização, a época, a idade, o gênero, a classe, dos quais derivariam muitos outros, com destaque, neste caso, para os aspectos pragmáticos da linguagem: o saber compartilhado, a pressuposição, a alusão, a cooperação. Num plano mais estrito, podemos citar os elementos e recursos textuais comumente mobilizados, nos diferentes níveis da análise linguística, para se alcançar o efeito pretendido: a exploração fonética, destacando-se os trocadilhos; os jogos morfológicos; as inversões paradigmáticas; as ambiguidades sintático-semânticas; as irregularidades lógicas entre outros processos.

Igualmente vasta é a evolução lexicológica do termo “humor”, cuja gênese se deu na teoria médica de Hipócrates, a qual fixou quatro temperamentos humanos: sanguíneo, com a predominância do sangue; fleumático, da linfa; colérico, da bÍlis amarela; e melancólico, da bÍlis negra (situada na origem do futuro termo “humor negro”). O humor chegaria ao campo cômico somente na Europa do século XVII. Na língua francesa do século XVIII, operou-se uma distinção entre o humor médico e o humor visto como “mecanismo racional”. Com o tempo, foi havendo um deslocamento do sentido de desequilíbrio dos fluidos corporais, causador de desvios comportamentais, para o sentido de uma “excentricidade que faz rir” (ERMIDA, 2003¹). O humanismo associará uma conotação positiva ao termo anteriormente neutro. No século XIX, essa conotação se consolida ainda mais. Com o imperialismo inglês, a expressão “senso de humor” se internacionalizou, perdurando até hoje com sua conotação positiva. Já o termo “humor”, empregado isoladamente, perdeu sua conotação exclusivamente positiva assumindo ainda mais a complexidade da qual trataremos nesta edição.

Paralelamente a tudo isso, se não há um consenso terminológico em torno dos estudos do humor, há dois sistemas taxonômicos que os estudos refletem: o primeiro, uma terminologia histórica derivada da estética filosófica, situa o humor como um dos vários elementos do cômico, ao lado da ironia, da sátira, do *wit*, do absurdo, do escárnio, do sarcasmo. Além disso, nesse sistema, o humor é benevolente por definição, não se confundindo, por exemplo, com a “malícia agressiva do sarcasmo” (ERMIDA, 2003). O segundo sistema, adotado largamente pela corrente anglo-americana atual, entende o humor como um termo guarda-chuva neutro capaz de substituir o termo “cômico”, agregando todos os conceitos desse campo, sejam eles positivos ou negativos. Daí o termo “humor” poder substituir nomes de gêneros literários “como a paródia, a comédia, a sátira ou a farsa” (ERMIDA, 2003).

Os artigos aprovados para compor este número em resposta às provocações iniciais da chamada mostram como as abordagens são diversas e como podemos discutir as variações do riso na prosa, poesia e teatro, ao longo dos séculos. Os estudos reunidos permitem pensar a questão desde a produção medieval ao contemporâneo. Abrimos o dossier com o estudo de Lélia Parreira Duarte, que tanto já escreveu sobre esse tema. Além de um percurso sobre a discussão do riso por alguns teóricos, a autora examina alguma prosa portuguesa e africana para demonstrar modos como “o riso relaciona-se com o desejo maior do ser humano — o de morrer contente, tendo em vista o descontentamento da vida”. A seguir, rumamos para o tempo de Gil Vicente, com o medievalista brasileiro Paulo Roberto Sodré, que examina o **Auto da Lusitânia**, o qual foi pouco observado sob a ótica do riso. Assim, Sodré propõe “observar como o *bathos*, a súbita mudança do registro sublime para o baixo, é explorado humoristicamente pelo dramaturgo”. Carlos Silva e Paula Almeida Mendes optaram por tratar de um autor do século XVI, hoje muito pouco lido, mas considerado ao seu tempo um

grande nome da poesia portuguesa clássica: António Ferreira. No entanto, é sobre sua **Comédia do Cioso** que os autores se debruçam, demonstrando que o comportamento do personagem Júlio (o marido cioso) “é um perfeito exemplo de uma das masculinidades matrimoniais existentes no teatro português quinhentista”. Defendem que, “cumprindo uma das funções mais tradicionais da comédia, a de reforma social (Eagleton, 2022, p. 56), a **Comédia do Cioso** utiliza o riso para criticar os maridos que cometem semelhantes loucuras na proteção da fidelidade”.

Mais perto de nosso tempo, referindo o século XIX, não poderia faltar Eça de Queirós, com sua fina ironia crítica. Saulo Gomes Thimóteo e Luiz Rogério Camargo investigam a produção cronística de Eça de Queirós presente em **As Farpas**, destacando sua crítica satírica à sociedade portuguesa oitocentista. Ainda no longo século XIX, Claudia Barbieri examina a opereta cômica portuguesa. Trata-se de uma pesquisa original bem interessante que “tem por objetivo principal recuperar parte da recepção crítica de algumas operetas cômicas portuguesas, criadas por três autores, “Gervásio Lobato (1850-1895) e de D. João da Câmara (1852-1908), que possuíam à época larga produção teatral. As partituras musicais foram criadas pelo maestro e músico Ciríaco de Cardoso (1846-1900)”. Examinam assim as operetas **O burro do Senhor Alcaide** (1891), **O solar dos Barrigas** (1892) e **O testamento da velha** (1894), que despertaram o riso e cativaram o público, não apenas em Portugal, mas, também, no Brasil”.

Como era de esperar, o dossier chega ao século XX, onde abundam exemplos literários que trabalham com o cômico, o riso, valendo-se da diversidade de processos criativos. Neste número, contamos com um estudo de Oscar José de Paula Neto sobre o escritor neorrealista Joaquim Namorado que, em **Viagem ao País dos Nefelibatas**, “livro escrito no final da década de 1930, planejado inicialmente como obra autônoma, mas publicado como parte da coletânea **Incomodidade** (1945). O conjunto poético, através da ironia, da paródia e do sarcasmo, reúne textos no qual a leitura crítica da tradição literária, da história e da cultura portuguesa traz corrosivos questionamentos ao regime salazarista e a outras formas de dominação, além de se apresentar enquanto uma forma de resistência e de luta, não fugindo aos pressupostos do movimento neorrealista”. Se esse artigo trata de um poeta da primeira metade do século XX, os dois seguintes focalizam suas análises em nossa contemporaneidade. O estudo de Ana Carolina Botelho detém-se na poesia de José Miguel Silva, cuja escrita realmente se vale recorrentemente da ironia para questionar e criticar nosso tempo, processos e procedimentos. A autora destaca que o poeta transita “entre um humor que espelha o *nonsense* da vida moderna e uma certa melancolia”, fazendo “do cotidiano a sua matéria e da linguagem a sua “arma” na luta contra o esvaziamento do sentido da palavra na sociedade comunicacional contemporânea e as incoerências do modelo econômico corrente”. Do mesmo modo, Paulo Alberto da Silva Sales escolhe pensar o tema na poética de Patrícia Lino, artista portuguesa radicada nos Estados Unidos, que transita da literatura

para outras formas artísticas, criando obras intersemióticas que têm recebido muito bom acolhimento crítico. No artigo aqui publicado, Sales expõe logo no resumo suas questões: refletir como a poeta, “a partir da dicção risível e paródica [...] promove outras possibilidades de criação poética por meio de práticas de apropriação e de fricção de códigos. Presença da comicidade como estratégia ridicularizadora de lugares-comuns sobre o imaginário colonial. [...] Presença da ironia como estratégia corrosiva de discursos eurocêntricos excludentes. Desmonte de mentalidades de teor machista, patriarcal e purista. A poesia como lugar de encontro de dissidentes por meio do cruzamento de culturas, línguas e textualidades, o que revela seu caráter exofônico graças às estratégias de mobilidade e de migração”. Encerramos o dossier com o artigo de Elisangela Silva Heringer que analisa a obra **Avódezanove e o segredo do soviético** (2009), do escritor angolano bem conhecido no Brasil, Ondjaki. Relacionando riso, infância e utopia, o estudo demonstra como as estratégias do riso podem tanto expor as dores de um povo como constituírem o suporte para a força vital de superação.

Este número apresenta ainda quatro resenhas. Joana Monteleone considera o volume de **Anonna**, uma das primeiras revistas de gastronomia editada em Portugal entre 1836 e 1837. Esse volume que reúne o conteúdo de todos os fascículos publicados no século XIX e ora organizado por Gilda Santos e Eduardo da Cruz, com a colaboração de diversos pesquisadores do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, sediado no RGPL, oferece ao leitor de hoje não só um conjunto vasto de receitas culinárias, como toda uma parte lúdica: poesia, mitologia, história do Porto e jogos de salão. Trata-se de uma edição da Livraria Lello, do Porto, com publicação em 2023. Lucas Laurentino de Oliveira, por sua vez, apresenta a coletânea de ensaios do professor emérito da UFRJ, Jorge Fernandes da Silveira, o qual, no seu **O retorno do épico e outras voltas** (Oficina Raquel, 2023), produto de sua já longa e referencial reflexão sobre a poesia portuguesa, discute “as ramificações da epopeia camoniana e suas glosas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI”. A terceira resenha de Paulo Rodrigues Ferreira apresenta-nos uma obra de António Lobo Antunes, tão estudado entre nós: **O Tamanho do Mundo**, publicado em Portugal em 2022. Jorge Vicente Valentim, que vem se dedicando ao estudo da prosa portuguesa mais recente, observa **Louvado seja o pesadelo**, de Paulo Faria, sobre o qual escreve: “Autor pouco conhecido do público brasileiro, Paulo Faria já possui uma consolidada carreira como tradutor e ficcionista, tendo sido galardoado com importantes prêmios nas duas categorias em Portugal. **Louvado seja o pesadelo** é, portanto, o seu quarto romance, vindo a lume sob a chancela da Editora Minotauro e ainda não editado no Brasil”.

Como o leitor poderá observar, esse percurso do riso e suas manifestações no tempo e no trabalho de tantos autores diferentes entre si é apenas um recorte do muito que pode ser discutido sobre esse tema em diversas literaturas, em contextos múltiplos. A **Abril**, dedicada às literaturas portuguesa e africanas de língua portuguesa, acolheu a proposta para in-

centivar outros estudos que possam renovar o tratamento da questão e suas variações. O leitor certamente poderá lembrar outras obras e escritores. Sem dúvida, é mais fácil percebermos o efeito do humor do que o definirmos. Por isso, a importância de uma publicação que demonstre que o humor é coisa séria, explorando sua complexidade no âmbito literário e abordando sua diversidade e manifestações na poesia, prosa e teatro portugueses e africanos. Igualmente importantes e necessários são os estudos comparados envolvendo essas literaturas. Por todos esses aspectos a considerar, desejamos boas leituras e reflexões.

Deyse Moreira (Université Clermont Auvergne)

Ida Alves (UFF)

NOTA

ERMIDA, Isabel. **Humor, Linguagem e Narrativa**. Para uma Análise do Discurso Literário Cômico. Braga: Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho, 2003.